

## O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NO ESPAÇO DA SALA DE AULA

### The role of communication in the classroom environment

Viviane Zanetti Becalli Gogge<sup>1</sup>, Fernanda Zanetti Becalli<sup>2</sup>, Fabiana da Silva Kauark<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Especialista em Práticas pedagógicas (Ifes) e em Gestão Pública (Ufes). Professora da Farese, e-mail:

[vivianezanetti@professorfarese.com.br](mailto:vivianezanetti@professorfarese.com.br)

<sup>2</sup>Pós-doutora em Educação (Ufes). Professora do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH).

Professora e Diretora de Ensino do Ifes campus Vila Velha, e-mail: [fernanda.becalli@ifes.edu.br](mailto:fernanda.becalli@ifes.edu.br)

<sup>3</sup>Pós-doutora em Educação (Universidade de Aveiro – Portugal). Professora do Programa de Pós-graduação Profissional em

Química (ProfQui), Ifes campus Vila Velha, e-mail: [fabiana.kauark@ifes.edu.br](mailto:fabiana.kauark@ifes.edu.br)

### RESUMO

A comunicação está presente em todas as esferas da vida das pessoas, seja familiar, acadêmica, profissional etc. e são nessas interações sociais que se constituem as relações interpessoais. No campo educacional, há a necessidade de aprimoramento da comunicação em sala de aula, seja na relação entre os professores, os estudantes, bem como entre os professores e os estudantes. Nesse contexto, este trabalho teve por objetivo compreender a contribuição da comunicação clara e objetiva e suas interferências nas relações interpessoais dentro da sala de aula. Teoricamente, toma por base o conceito de educomunicação e, metodologicamente, a pesquisa é qualitativa do tipo descritiva. Por meio do diálogo com os autores de quatro trabalhos já desenvolvidos e publicados, conclui-se que, embora alguns professores reconheçam a importância de trabalhar as habilidades comunicativas, alguns não incentivam o desenvolvimento dela entre os estudantes, prevalecendo uma prática monológica. Juntamente com os autores dos textos, levantam-se algumas possibilidades que podem contribuir com o desenvolvimento da comunicação clara e objetiva, dentre as quais destacamos: incluir um componente curricular nos Cursos de Licenciaturas que trabalhe o papel da comunicação no espaço da sala de aula, como também, criar momentos de estudos e reflexões entre professores e pedagogos.

**Palavras-chave:** Comunicação. Relações Interpessoais. Sala de aula. Educomunicação.

### ABSTRACT

Communication is present in all areas of people's lives, whether family, academic, professional, etc., and it is in these social interactions that interpersonal relationships are constituted. In the educational field, there is a need to improve communication in the classroom, whether in the relationship between teachers, and students, as well as between teachers and students. In this context, this work aimed to understand the contribution of clear and objective communication and its interference with interpersonal relationships within the classroom. Theoretically, it is based on the concept of educommunication, and methodologically, the research is qualitative descriptive type. Through dialogue with the authors of four works already developed and published, it is concluded that, although some teachers recognize the importance of working on communicative skills, some do not encourage its development among students, prevailing in a monologic practice. Together with the authors of the texts, some possibilities are raised that can contribute to the development of clear and objective communication, among which we highlight: including a curricular component in Graduation Courses that works on the role of

communication in the classroom, as well, as creating moments of studies and reflection between teachers and pedagogues.

**Keywords:** Communication. Interpersonal Relations. Classroom. Educommunication.

## INTRODUÇÃO

A comunicação está presente em todas as esferas da vida dos sujeitos, seja familiar, acadêmica, profissional, entre outras. Segundo Magalhães (2001), são essas interações diárias entre as pessoas, as conversas umas com as outras, as trocas de informações, que constituem as relações interpessoais.

O tempo todo, a interação social e a comunicação se aproximam da forma verbal e não verbal. Nesse sentido, que uma comunicação objetiva se torna um requisito essencial para o sucesso pessoal, acadêmico e profissional, pois possibilita que o indivíduo se expresse com clareza nas diferentes esferas da vida. Quando a pessoa tem dificuldade de se expressar, pode precisar lidar com vários fatores negativos, como perda de oportunidades pessoais, acadêmicas e/ou profissionais; bem como administrar conflitos influenciados por ruídos e outros fatores contextuais.

No campo educacional, de acordo com Martins (2017, p. 11-12), em alguns casos, as dificuldades de relacionamento entre professor e alunos, alunos e alunos, resultam em prejuízo no aproveitamento acadêmico, devido à falta de uma comunicação assertiva. Segundo a autora, o “[...] termo assertividade origina-se de asserção. Fazer asserções quer dizer, afirmar, do latim *afirmare*, tornar firme, consolidar, confirmar e declarar com firmeza. Quando falamos da comunicação humana, assertividade significa muito mais do que é isso: é uma filosofia de vida”.

Tais questões levam a compreender sobre a importância da comunicação em sala de aula, na qual os alunos se deparam com diferentes pessoas que possuem formas diferentes de se comunicar. Nesta assertiva, buscamos responder se uma comunicação clara e objetiva interfere nas relações interpessoais dentro da sala de aula, tendo em vista que compreendemos o espaço da sala de aula como um lugar de comunicação entre os sujeitos.

## MATERIAL E MÉTODOS

Considerando que a comunicação em sala de aula, objeto de investigação deste trabalho, numa concepção bakhtiniana, é uma atividade dialógica entre os sujeitos, que se desenvolve por meio de textos (orais, escritos e imagéticos), numa situação concreta do discurso em um determinado contexto histórico-cultural, optamos por uma abordagem metodológica de caráter qualitativo.

Partimos do princípio de que a abordagem qualitativa, quando utilizada no campo da pesquisa educacional, nos leva a compreender que as Ciências Humanas, área de estudo na qual estamos inseridas, tem seu ponto de partida no texto. Essa compreensão se justifica pelo fato de que as Ciências Humanas

[...] são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independentemente deste, já não se trata das ciências humanas [...]

(BAKHTIN, 2003, p. 312).

Com relação ao objetivo – de que modo uma comunicação clara e objetiva interfere nas relações interpessoais dentro da sala de aula – configura-se como pesquisa descritiva que, conforme aponta Gil (2002, p. 42), tem como finalidade principal descrever “[...] as características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

De acordo com Bodgan e Biklen (1994), este tipo de investigação, que se centra na análise descritiva do processo e não meramente explicativa dos dados, começou a ser implementado no final dos anos de 1960 e teve, no início, a congruência de diferentes campos, como o da fenomenologia, do interacionismo simbólico, da etnometodologia e da etnografia, porém a abordagem qualitativa não se restringiu a essas áreas e ultrapassou seus limites na possibilidade de construir suas características próprias.

Nesse sentido, o estudo teve por base o procedimento técnico da revisão de literatura que tem por finalidade “[...] conhecer e analisar as principais contribuições existentes sobre determinado tema ou problema, tornando-se instrumento indispensável a qualquer tipo de pesquisa” (KÖCHE, 2006, p. 122).

A busca de artigos, dissertações e/ou teses foi realizada nas bases eletrônicas Scholar Google, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Portal de Periódicos da Capes, a partir dos seguintes descritores: comunicação, educação, educomunicação, sala de aula, relações interpessoais, professor, aluno.

A seleção foi realizada a partir da leitura criteriosa dos resumos dos artigos, teses e/ou dissertações localizados, sendo selecionados somente os que atendiam aos critérios de inclusão definidos nesta investigação. Após a seleção e leitura de todo material, dialogamos com os autores na intenção de responder de que modo uma comunicação clara e objetiva interfere nas relações interpessoais dentro da sala de aula.

## O DIÁLOGO COM OUTROS PESQUISADORES

De acordo com os levantamentos realizados, localizamos quatro trabalhos que enfocaram a temática Educomunicação. A partir deles, constatamos que as relações pessoais e sua importância na formação profissional foram tomadas como objeto de estudo em diferentes situações de pesquisa e sob vários enfoques.

Daniele Cristine Rodrigues (2009) abordou essa temática na monografia do Curso de Especialização *lato sensu*, quando investigou de que forma as habilidades comunicativas são trabalhadas no contexto da sala de aula. Pedro Geraldo Novelli (1997) buscou compreender, pela ótica da dialética, como se desenvolve a relação professor-aluno em sala de aula, por meio de um estudo teórico. Já Sandra Maria Silva Palomo (2002) esclareceu que as relações comunicativas priorizadas pela escola são aquelas que se desenvolvem dentro da sala de aula, entre professor e alunos, como também, entre os próprios alunos, discutindo a existência de conflitos nesse ambiente. E Sueli Aparecida Alves Nascimento (2009) se propôs a investigar literaturas que estudam a comunicação dialógica entre professor, aluno e conteúdo programático, ancorando-se em Paulo Freire e Gadotti. É importante destacar que, apesar desses estudos serem sustentados por diferentes aportes teóricos e metodológicos, todos contribuíram para refletir acerca da temática investigada.

O primeiro trabalho que tomamos para abordar a produção de conhecimento em torno da Educomunicação foi a monografia do Curso de Especialização *lato sensu* em Educação intitulada *Métodos e Técnicas de Ensino, Comunicação em sala de aula: comunicando para a vida*, de autoria de Daniele Cristine Rodrigues, apresentada em 2009, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A escolha desse estudo se justificou porque a autora buscou compreender modos de trabalhar a questão da comunicação no âmbito da sala de aula, a partir da perspectiva freiriana, o que nos aproximou em termos de pressupostos teóricos.

Para analisar se, ao longo da formação escolar, os alunos são preparados a se comunicar de modo eficiente nas distintas situações cotidianas, Rodrigues (2009, p. 9) partiu da concepção de que a comunicação eficiente pode colaborar para a formação de alunos capazes de interagir “[...] como sujeitos sociais articulados e ativos nos processos discursivos do cotidiano”.

Tendo em vista esse interesse, recorreu a estudos sobre as novas tecnologias da informação e comunicação que apontam para a necessidade de os sujeitos fazerem uso de processos comunicativos eficientes nas diferentes áreas de trabalho, pois as novas tecnologias estão presentes no dia a dia e interferem tanto na comunicação como nos processos comunicativos. Conforme aponta a autora:

[...] na era da informação na qual estamos inseridos, a habilidade de se comunicar em todas as suas formas (escrita, oral e gestual) é uma necessidade para interagir com os demais agentes sociais e para construir seu próprio espaço. É preciso saber assimilar, interpretar e transmitir as informações em diferentes cenários comunicativos, considerando a interferência de inúmeros elementos permanentemente (RODRIGUES, 2009, p. 22).

Sendo assim, pontuou que ter domínio sobre os processos comunicativos não deve se constituir um privilégio dos profissionais de áreas específicas, como jornalismo e publicidade, pois a comunicação assertiva se tornou uma exigência na atualidade. Desse modo, a instituição escolar também precisa inserir mudanças em seus currículos, nas práticas pedagógicas e nas relações entre professores e alunos. Para a autora, há especificidades nos campos da educação e da comunicação, sendo que para trabalhar a conexão entre estes campos e operacionalizá-las de forma a corroborar na formação dos alunos, é necessário compreender suas características, limites e desafios.

Nesse sentido, propôs-se a investigar se os alunos de duas turmas de quarta série do Ensino Fundamental – uma de instituição privada e outra pública – são formados para se comunicar de modo eficiente nas diferentes situações que enfrentam no seu cotidiano, tanto pessoal como profissional. Metodologicamente, fez uso do estudo de caso nas duas instituições escolares, ambas na cidade de Foz do Iguaçu/PR. Partiu de duas questões centrais: “Como está o desenvolvimento das habilidades comunicativas nas salas de aula e quais as possibilidades de estimular essas habilidades de modo mais produtivo e vantajoso aos estudantes? A comunicação deve ser trabalhada de modo integrado a todas as matérias ou como disciplina específica?” (RODRIGUES, 2009, p. 44).

O processo de produção de dados foi realizado em dois momentos em que foram aplicados questionários, de caráter qualitativo, a 21 alunos e dois professores da escola particular e 29 alunos e um professor da escola pública. A pesquisadora justificou a escolha em trabalhar com turmas do Ensino Fundamental, por ser este um

momento da vida escolar em que os estudantes estão mais propensos a novas experiências, com grandes expectativas referentes ao que aprenderão na escola.

Os questionários foram compostos por seis questões objetivas e cinco discursivas, com espaço para justificativas e sugestões. O diferencial nos questionários direcionados aos professores foram as questões sobre os conhecimentos do universo da comunicação, sua relação com a educação indireta e direta (Educomunicação) e como avaliam a responsabilidade da escola em incentivar as habilidades comunicativas dos alunos.

Teoricamente fundamentou sua pesquisa em Latour (1994), Giddens (1991), Rodrigues (1999), Castells (1999), Thompson (1998), Freire (1987), Lévy (1999). Para analisar as respostas discursivas, tomou por base Orlandi (1993), Koch (2004) e Fávero (2003). Concebeu a Educomunicação como um novo campo entre a educação e a comunicação que busca “[...] fomentar espaços comunicacionais que colaborem a formação de um sujeito crítico, participativo e inserido ativamente na dinâmica do próprio meio social ao qual pertence” (RODRIGUES, 2009, p. 34).

De acordo com a autora, compreender a educação nessa relação de interação social em que o diálogo entre os sujeitos é fundamental, o campo da comunicação torna-se favorável para a adoção de propostas pedagógicas coerentes com os preceitos freirianos, já que:

A pedagogia de Paulo Freire, embora não elaborada teoricamente a partir do referencial de uma racionalidade comunicativa, pode, enquanto implementação de uma prática baseada no diálogo, ser considerada uma pedagogia comunicativa. Na mesma direção, colocam-se as propostas que compreendem as aprendizagens como processos de significação de saberes por parte dos aprendentes, já que isso sempre implica percepção das razões que tornam esses saberes pretensamente válidos (BOUFLEUER *apud* RODRIGUES, 2002, p. 27).

Rodrigues (2009, p. 33) também ressalta que um dos primeiros estudiosos a usar o termo “Educomunicação” foi o Professor Ismar de Oliveira Soares, da Escola de Comunicações e Artes da USP. Conceitua-o como um campo de convergência da comunicação e da educação, juntamente com todas as demais áreas das ciências humanas. Apesar de ser um tema bastante discutido entre os pesquisadores da área e sendo notória a utilização da mídia no ensino, a autora destaca que na prática docente ainda está sendo subaproveitada, devido a pequena formação dos docentes quanto aos conhecimentos da tecnologia da informação e dos mecanismos de acesso. Coadunamos com a autora que, sendo um tema tão relevante e necessário, deveria integrar o currículo dos cursos de licenciaturas como componente curricular obrigatório.

A partir das respostas discentes, Rodrigues (2009) mostrou que o acesso à internet, por questões financeiras, é mais fácil e comum no universo dos alunos da escola privada. Estes têm acesso a certa estrutura técnica, meios de comunicação e são beneficiados por uma estrutura curricular ampliada e enriquecida com estratégias, ferramentas e oportunidades que extrapolam os limites físicos da sala de aula. De modo diferente, na escola pública, a autora pontua que os recursos tecnológicos e adicionais no currículo, bem como as atividades extraclases se apresentaram numa escala menor.

Apesar de existir diferenças entre os contextos educacionais, a familiaridade e a relação com o mundo da comunicação foram pequenas em ambos os universos. Enquanto na escola particular a distância decorreu da falta de interesse, na rede pública foram as condições materiais que comprometeram. Contudo, a maioria dos alunos afirmou que os professores os incentivam a usar os meios de comunicação.



Em sua pesquisa, a autora também indagou aos estudantes se queriam uma disciplina que ensinasse a entender como funcionam os canais de comunicação. Como resultado, 100% dos estudantes da escola pública e 86% da escola particular afirmaram que deveria existir uma disciplina específica. Dentre as sugestões de conteúdo foram citados: “[...] aprender como se faz TV, falar em público e a perder a vergonha” (RODRIGUES, 2009, p. 54-55).

Conforme a autora, no que diz respeito ao acesso dos professores, os de ambas as escolas asseguraram que fazem uso de diversos canais para se informar regularmente, como televisão, internet, jornal e revista. Ressaltaram ainda que, quando disponível, usam recursos midiáticos em sala de aula (filmes, jornais etc.). O professor da escola pública participante da pesquisa, pontuou que os meios de comunicação enriquecem a prática pedagógica, por serem canais que disponibilizam dados relevantes e atuais, muitas vezes, não encontrados em livros didáticos. Os dois docentes que atuam na escola privada concordaram com a afirmação do colega e acrescentaram que tais recursos também contribuem para chamar a atenção dos alunos para determinado conteúdo, tornando as aulas mais atrativas, além de ensiná-los a compreender as mensagens midiáticas (RODRIGUES, 2009, p. 55-56).

Ao serem questionados se é função da escola incentivar as habilidades comunicativas dos estudantes, o docente da escola pública afirmou que sim, pois acredita que o aluno “[...] vai ter mais facilidade em se comunicar e conquistar as coisas” (RODRIGUES, 2009, p. 55). Todavia, destacou que nas suas aulas não incentiva o desenvolvimento de tais habilidades, embora considere relevante para o futuro do aluno, especialmente na vida profissional. Pelo fato de as respostas serem contraditórias, a autora considerou preocupante o professor ter conhecimento de uma necessidade educacional dos alunos e não viabilizar o desenvolvimento destas habilidades ou repassar a quem o possa fazer, tornando a realidade dos alunos que já são carentes em termos materiais, ainda mais complicada.

Os professores da instituição de ensino particular concordaram que esta é uma das responsabilidades da escola e apresentaram duas sugestões: “trabalhar a oralidade diariamente” e “desenvolver o senso crítico, ter informações sobre diversos assuntos, curiosidades sobre temas aleatórios, aumentar seu conhecimento e abranger sua visão sobre o mundo”. Esses dois professores reiteram a responsabilidade com o estímulo às habilidades comunicativas dos alunos “sempre que possível”, por meio de leituras de assuntos atuais, tanto na Internet como em jornais e revistas, que contribuam em ampliar seus conhecimentos. Um dos entrevistados ressaltou que considera relevante esse trabalho de incentivo do desenvolvimento da capacidade de comunicar-se em suas mais diversas formas de modo eficiente, porque “hoje eu sinto a dificuldade de comunicação e creio que devemos procurar desenvolver essa habilidade desde cedo para um melhor resultado”.

A autora relatou que quando questionados sobre o que é Educomunicação “[...] o profissional da pública desconhecia totalmente o assunto, enquanto os da particular arriscaram responder”. Um afirmou que Educomunicação é “trabalhar a educação em todos os aspectos na sala” e o segundo que “Acredito ser algo que use os meios de comunicação para auxiliar no aprendizado do aluno, facilitando de forma diferenciada a ampliação dos conhecimentos”. Questionados se conhecem ou se já participaram de algum projeto de Educomunicação, a resposta foi negativa.

Quando solicitados a darem sugestões de como deve ser trabalhada em sala a comunicação, surgiram alternativas distintas. Um dos docentes da escola particular disse que o ideal seria trabalhar em um projeto isolado sobre Educomunicação, como

“jornal na escola, rádio escola”. Já seu colega preferiu que fosse instituído como obrigatório trabalhar a comunicação nas práticas pedagógicas de todas as disciplinas e o profissional da escola pública apontou a possibilidade de ser criada uma disciplina própria sobre Comunicação, sendo ministrada por um profissional especializado da área.

A pesquisadora apontou ser fundamental trabalhar com a habilidade comunicativa dos alunos desde o Ensino Fundamental, pois a comunicação transcorre todas as relações sociais, desde as relações pessoais, familiares, até as profissionais. Como sugestão sugeriu que o modo mais eficaz seria integrá-la às práticas de estudo de todos os componentes curriculares simultaneamente com os demais conteúdos, ao invés de trabalhar a comunicação como um assunto isolado. Contudo, esclarece que as deficiências materiais de recursos técnicos, assim como as condições igualitárias dos alunos, são elementos que intervêm nesse processo de compreensão do sujeito.

Verificou-se de acordo com o universo de alunos e professores participantes da pesquisa, a importância de trabalhar a comunicação como um elemento para uma formação plena dos alunos, “[...] de modo a prepará-los para o mercado de trabalho e às demais instâncias da sua vida, afinal, comunicação em suas diversas formas (escrita, oral e gestual) perpassa todos os momentos da esfera pública e privada” (RODRIGUES, 2009, p. 61).

O trabalho de Rodrigues (2009) trouxe uma importante contribuição para a análise a que nos propusemos, pois esclareceu que a Educação e a Comunicação já se relacionam harmonicamente, que os docentes podem usar as novas tecnologias de informação e comunicação para incentivar a compreensão da mídia de forma inventiva, crítica e incorporá-la ao processo de produção de conteúdo e conhecimento. Destarte, ainda há lacunas no que diz respeito a formação dos alunos nesses campos, oriunda de lacunas existentes na própria formação docente nos cursos de licenciaturas.

#### *A sala de aula como espaço de comunicação: reflexões em torno do tema.*

Há desafios no modo como são trabalhados os recursos audiovisuais que apresentam inegável potencial educativo e didático. Sendo assim, coube-nos indagar: a sala de aula é compreendida como um espaço de comunicação? Quais as especificidades que caracterizam a sala de aula? Quais as relações que se estabelecem entre os sujeitos que a frequentam? Não são apenas os recursos audiovisuais e digitais que são meios de comunicação, mas, também, a dinâmica da sala de aula.

Parte dos temas tratados por Novelli (1997), no artigo intitulado *A sala de aula como espaço de comunicação: reflexões em torno do tema*, publicado no periódico *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, respondem as questões supracitadas. Nele, o autor discute a relação estabelecida entre o professor e os alunos na visão da dialética, buscando obter contribuições para a prática pedagógica ao entender a sala de aula como um ambiente historicamente conquistado e estabelecido pelas relações entre os sujeitos que nela habitam.

De acordo com Novelli (1997), nas relações vivenciadas em sala de aula faz-se imprescindível que ambos os sujeitos estejam atentos um ao outro. O professor precisa não somente deslocar a atenção para os alunos, mas levá-los em consideração desde o planejamento de suas atividades. Em suas palavras,

A sala de aula é a relação entre o professor e o aluno. Um encontra no outro sua identificação e, concomitantemente, sua negação, pois o professor pressupõe o aluno e vice-versa. O professor nega o aluno porque este necessita ir além do que é para

tornar-se realmente o que é. A semente é a árvore, mas precisa deixar de ser o que é para poder realizar o que mais pode ser. O aluno, por sua vez, nega ao professor o perfil do que ensina para cobrar-lhe a aprendizagem, posto que o desconcerto provocado exige um novo olhar sobre este outro, o aluno. O resultado é uma nova empreitada didática, metodológica, motivacional e estratégias pedagógicas (NOVELLI, 1997, p.47).

Nesse contexto, o processo comunicativo claro e objetivo é fundamental nas relações interpessoais que são estabelecidas nesses encontros. Ambos os sujeitos precisam estar atentos uns aos outros, numa atitude de permanente busca de compreensão do outro, do limite do que se sabe e de onde se pode chegar em que professor e os alunos aprendem mutuamente.

### *Comunicação em sala de aula – um problema de linguagem?*

Complementarmente, para compreender modos de trabalhar a questão da comunicação no âmbito da sala de aula como um problema de linguagem, dialogamos com o artigo *Comunicação em sala de aula – um problema de linguagem?*, de autoria de Sandra Maria Silva Palomo, publicado na revista *Dialogia*, vol. 1. (2002).

Devido à existência de conflitos de linguagem e de comunicação na instituição escolar, buscou-se ressaltar tanto as características dos processos comunicacionais verbais de ensino e aprendizagem como a importância da interação intersubjetiva nas relações vivenciadas pelo professor e pelos alunos. A autora partiu de um estudo sociológico, desenvolvido por Magda Soares (2000), que tematiza as relações entre linguagem e escola ao explicitar que a heterogeneidade social, cultural e linguística não recebe um tratamento adequado dentro da escola. Entretanto, não é possível desvincular o ensino das condições sociais, econômicas, políticas de uma sociedade dividida em classes, já que a escola se insere nessa sociedade.

Nesse contexto, Palomo (2002) assinala que as relações comunicativas priorizadas no ambiente educacional são aquelas desenvolvidas no âmbito da sala de aula, entre professor e alunos. De acordo com a autora, a existência de conflitos nesse ambiente refere-se a duas concepções de linguagem: a primeira diz respeito à linguagem como atividade dialógica e a segunda como uso do código linguístico. Em relação à primeira, destaca que no ambiente escolar tem prevalecido uma linguagem que por não ser dialógica dificulta a comunicação entre os sujeitos. Relacionado à segunda concepção, ressalta que a linguagem não corresponde à experiência geral e linguística dos alunos, interferindo na comunicação em sala de aula.

Fundamentada em Gentilhomme (1984), entende o processo ensino aprendizagem como processo comunicacional verbal, organizado por cinco componentes: a finalidade-função do processo, o aluno, o professor, as circunstâncias em que se desenrola o processo e a matéria dispensada (conteúdo do curso, disciplinas...). O aluno representa o receptor, responsável por receber e entender a mensagem. E o professor é o emissor, sendo dele o intento comunicativo, responsável pela escolha do assunto, preocupando-se com a adequada compreensão do receptor. Palomo (2002) aponta que as circunstâncias, conforme Slama-Cazacu (1979), referem-se aos níveis contextuais do processo comunicativo, evidenciando a constituição do processo composto por fatores implícitos e elementos explícitos. Assim, o sucesso na comunicação depende das características intralinguísticas das mensagens, da adequação ao contexto implícito e dos recursos provenientes do contexto explícito extralinguístico. Já a matéria dispensada nos fala da transformação do conteúdo em mensagem, representando tudo aquilo que se deve



ensinar e aprender. A autora entende que cada aula, cada momento de uma aula, é uma ocasião comunicativa particular e original, na forma em que alteram os assuntos e as influências.

Esse estudo legitima a sala de aula como um dos espaços onde se concretiza plenamente o exercício da linguagem, pelo fato de que os processos de ensino-aprendizagem envolvem sujeitos e, portanto, são processos interlocutivos. Nesse âmbito, a preocupação com a linguagem é central na formação docente, pois de toda forma ela influencia na comunicação. Do mesmo modo como Rodrigues (2009) e Palomo (2002), acreditamos ser relevante que os cursos de licenciaturas tenham um componente curricular específico sobre comunicação (que trabalhe a linguagem), até mesmo cursos de formação continuada, onde as Universidades e Institutos ofereçam cursos de extensão sobre essa temática, assim o professor terá desde a sua formação ou aprimoramento, contato com uma disciplina que irá contribuir para o seu desempenho em sala de aula.

### *A Comunicação Professor e Aluno numa perspectiva Freireana*

Nascimento (2009) abordou essa temática no artigo apresentado no IX Congresso Nacional de Educação (Educere), III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, intitulado *A comunicação Professor e Aluno numa perspectiva Freireana*. Relatou uma experiência realizada no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), promovido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, no período de 2007 a 2008.

Ao investigar problemas educacionais oriundos da sala de aula, teve como objetivo analisar as possibilidades de uma comunicação dialógica entre professores e alunos com foco nas práticas pedagógicas dos professores e a discussão do conteúdo programático junto aos seus alunos. A escolha do artigo em questão se justificou porque a autora buscou compreender modos de trabalhar a comunicação, no âmbito da sala de aula, a partir da perspectiva freireana, o que nos aproximou em termos de pressupostos teóricos.

Segundo Nascimento (2009), o interesse em participar do PDE surgiu a partir de questões que traziam algumas preocupações em sala de aula, especificamente no processo ensino-aprendizagem. Propôs-se a investigar literaturas que estudam a comunicação dialógica entre professores e alunos, tendo como base as práticas pedagógicas e discussão do conteúdo programático junto aos seus alunos, ancorando-se em Paulo Freire e Moacir Gadotti.

Para a produção de dados, realizou entrevistas com professores e alunos do primeiro ano do Ensino Médio de duas escolas públicas do município de Maringá, além de apontamentos nas reuniões dos conselhos de classe. No primeiro momento, promoveu uma pesquisa e explanação da comunicação entre professor e aluno na prática pedagógica, analisando-a sob ótica freireana, que trata do diálogo entre professor e aluno como uma ligação que institui o intercâmbio de conhecimentos e experiências, sendo considerado não apenas como um discurso monológico, mas sim como momentos de aprendizagens mútuas.

Nascimento (2009), fundamentada em Romanelli (1998), concebeu o espaço escolar como um espaço de luta (atividade) e não apenas de reprodução (passividade), já que a educação escolar não pode ser nem “reprodutivista” e nem “neutra”. Segundo Freire:

Falar de neutralidade da educação é expressar uma vontade de mistificação. Com efeito, o educador tem suas próprias opções e as mais perigosas para uma educação de liberdade são aquelas que se transmite sobre a cobertura da autoridade pedagógica sem reconhecerem-se como opções (FREIRE, 1980, p. 77).

Ancorada em Gasparin (2005), defende que o foco da ação pedagógica consiste em fazer com que os estudantes superem o conhecimento vivencial-experiencial (senso comum), por meio da mediação docente e da apropriação de conhecimentos científicos que foram construídos ao longo da humanidade. De acordo com Gasparin,

A tarefa principal da escola é trabalhar os conhecimentos sistematizados, científicos, mas a partir da realidade, isto é, fazer com que os conceitos cotidianos ascendam aos científicos e estes desçam aos cotidianos para que se tornem científicos no cotidiano, por meio da mediação do professor. GASPARIN (2005, p. 215)

Desse modo, compreendemos que os conteúdos escolares não devem ser impostos aos alunos, mas discutidos como uma necessidade para seu crescimento pessoal e profissional, pois quando estudado e apropriado passa a ser um instrumento de mudança social. De acordo com Nascimento (2009), para implementar uma proposta de comunicação dialógica entre professor e aluno faz-se necessário que os mesmos discutam, dialoguem sobre o conteúdo programático, no sentido freiriano de intercambiar conhecimentos e experiências, como uma busca recíproca do saber. E esse diálogo pode cooperar para romper com esquemas tradicionais e a fossilização dos conteúdos programáticos.

Os resultados da pesquisa de Nascimento (2009) mostram que, enquanto alguns professores alegam que os estudantes não evidenciam maturidade satisfatória para dialogar sobre o conteúdo a ser estudado, estes contestaram dizendo que ao debaterem o que está sendo estudado, porque e para que, desperta um maior interesse pelo conteúdo a ser ministrado. A autora ressalta ainda que, como professores dialógicos, não se pode tentar impor uma compreensão crítica aos estudantes. Contudo, podem convidá-los a problematizar a realidade. Nas exemplares palavras de Freire,

Não pode haver caminho mais ético, mais verdadeiramente democrático do que testemunhar aos educandos como pensamos, as razões porque pensamos desta ou daquela forma, os nossos sonhos, os sonhos porque brigamos, mas, ao mesmo tempo, dando-lhes provas concretas, irrefutáveis, de que respeitamos suas opções em oposições às nossas FREIRE (2001, p. 38).

Nas reuniões de conselhos de classe, a pesquisadora observou que, embora os professores defendam uma prática dialógica e problematizadora, na prática pedagógica da sala de aula o que predomina, na maioria das vezes, é uma prática monológica, onde o professor expõe o assunto e os alunos se limitam a ouvir, muitas vezes não há uma interação entre professor e aluno.

Segundo a autora, uma ação docente inovada e elucidada se faz necessária para o desenvolvimento de uma nova cultura escolar, onde essa ação não é somente do professor, mas, construída diariamente com seus alunos. Esta nova cultura escolar implica na superação dos ideários de uma educação bancária. Como nos fala Freire,

Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe? Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não

as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção. (FREIRE, 1967, p.97).

Já na segunda fase da pesquisa, os encontros para os estudos de implementação foram organizados semanalmente, entre os meses de abril a julho de 2008, com os professores de todas as disciplinas. Esse trabalho propiciou diferentes olhares sobre um ponto de vista em comum, ou seja, como pôr em prática o que preconizam no campo teórico. Logo, cada professor precisa reinventar sua prática, seus métodos e suas técnicas.

A autora, concluiu considerando que a prática pedagógica só pode ser modificada a partir da insatisfação e/ou incomodação em relação aos nossos próprios atos. Em outras palavras, do encurtamento da distância entre o discurso teórico e a prática educacional. Também considerou de extrema importância criar momentos de reflexão entre professores e pedagogos, momentos que permitam pensar a prática pedagógica, pois o processo de formação continuada se evidenciou como um ambiente inesgotável para diálogos sobre as indagações presentes em sua pesquisa, proporcionando expandir nossa visão para uma educação democrática, capaz de promover o indivíduo ao exercício da cidadania.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos artigos analisados, concluímos que de formas diferentes o contexto da Comunicação foi explorado, mostrando a sua grande importância. Algumas considerações importantes na revisão de literatura, foram:

Rodrigues (2009) concluiu seu trabalho afirmando que é fundamental trabalhar com a habilidade comunicativa dos alunos desde o ensino fundamental, pois a comunicação transcorre todas as relações sociais, desde as relações pessoais, familiares até as profissionais. Como sugestão apontou que o modo mais eficaz seria integrá-la às práticas de estudo de todas as disciplinas simultaneamente com os demais conteúdos, ao invés de trabalhar a comunicação como um assunto isolado no currículo escolar.

Novelli (1997) discutiu a relação estabelecida entre o professor e os alunos na visão da dialética, buscando obter aporte para a prática pedagógica ao compreender a sala de aula como um ambiente historicamente conquistado e estabelecido pelas relações entre os sujeitos que nela habitam. Destacou que nessas relações vivenciadas em sala de aula faz-se imprescindível que ambos os sujeitos estejam atentos uns aos outros.

Já Palomo (2002) destacou a sala de aula como um dos espaços onde se concretiza plenamente o exercício da linguagem, pelo fato de que os processos de ensino aprendizagem envolvem sujeitos e, portanto, são processos interlocutivos. Nesse âmbito, a preocupação com a linguagem é central na formação docente, pois de toda forma ela influencia na comunicação.

O artigo de Nascimento (2009) relata uma experiência realizada no programa de desenvolvimento educacional (PDE), promovido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, tendo como proposta um estudo mais aprofundado sobre os problemas educacionais oriundos da sala de aula, tendo como objetivo analisar as possibilidades de uma comunicação dialógica entre professores e alunos, tendo como foco as práticas pedagógicas entre professores e alunos. Verificou-se uma contradição na pesquisa realizada, enquanto os professores alegam que os alunos não evidenciam maturidade suficiente para dialogar sobre o conteúdo a ser estudado, os alunos responderam que ao discutirem o que está sendo estudado, porque e para que, desperta um maior interesse pelo conteúdo a ser ministrado. Segundo a autora, uma ação docente inovada e elucidada se faz necessária para o desenvolvimento de uma nova cultura

escolar, ação essa que não é somente do professor, mas, construída diariamente com seus alunos. Corroboramos que esta nova cultura escolar implica na superação dos ideários de uma educação bancária.

Após os diálogos realizados com os referidos autores, compreendemos a sala de aula como um espaço de comunicação, pois, nele se concretizam as relações entre professor e aluno, aluno e aluno, a troca de experiências, abordagens realizadas em conjunto a respeito dos temas estudados. Sabe-se que o espaço da sala de aula necessita de ser aprimorado com uma nova didática, visando estratégias pedagógicas para que o aluno passe de sujeito passivo para sujeito ativo, discutindo temas, colaborando com ideias e expressando seu ponto de vista.

Já no tocante de quais especificidades caracterizam a sala de aula, é necessário ter um olhar voltado no sentido de reconhecer a diversidade que existe dentro de uma sala de aula. O professor, como mediador do conhecimento, busca envolver e reconhecer que os alunos são diferentes, que nem todos compartilham dos mesmos interesses e habilidades, cada um aprende no seu ritmo. Necessário ter uma interação da melhor forma possível entre o professor e os alunos, para assim construir estratégias que venham despertar o interesse pelos temas a serem apresentados.

Quando falamos das relações que são estabelecidas entre os sujeitos que frequentam o espaço da sala de aula, nota-se quão importante é o diálogo entre professor e alunos em uma relação de aprendizagem, onde está presente o respeito mútuo, a criatividade, a cooperação, a participação do aluno como sujeito no processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, Bakhtin, nos fala que:

A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2003, p. 348).

## CONCLUSÃO

Os diálogos com os autores nos mostraram que, em alguns casos, mesmo o professor tendo conhecimento da importância de trabalhar as habilidades comunicativas dos alunos, alguns profissionais da educação não incentivam o desenvolvimento de tais habilidades. Por outro lado, mesmo professores que defendem uma prática dialógica e problematizadora, na maioria das vezes, efetivam uma prática monológica em sala de aula. Uma das possibilidades apontada para trabalhar as habilidades comunicativas em sala de aula foi incluir uma disciplina nos Cursos de Licenciaturas que enfatize a importância da comunicação na sala de aula, disciplina essa, que faça parte do currículo de formação inicial dos professores. Também consideramos importante criar momentos de estudos e reflexões entre os profissionais da educação em processos de formação continuada.

No diálogo com esses autores, concebe a Educomunicação como um novo campo entre a educação e a comunicação que busca “[...] fomentar espaços comunicacionais que colaborem a formação de um sujeito crítico, participativo e inserido ativamente na dinâmica do próprio meio social ao qual pertence” (RODRIGUES, 2009, p. 34)

Concluimos com Freire (2014) que a escola deve ser democrática, respeitando o educando como sujeito da história e centrado na problemática da comunidade em que vive e

atua, propondo práticas pedagógicas capazes de provocar no aluno uma consciência crítica. Para propor tais práticas, temos que conhecer os alunos, sua realidade e para isso é necessário comunicar-se, trabalhar o aluno para que consiga se comunicar com clareza, expondo suas dúvidas, questionamentos e sugestões, conseguindo ultrapassar a barreira da timidez e até mesmo o medo de ser repreendido ou mal interpretado pelo professor e até mesmo por colegas.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOUFLEUER, José Pedro. Filosofia: uma demanda da educação. “S.1.” **Revista do Centro de Educação**. Ed. 2002, v. 27, n.2. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2002/02/a8.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2009, 22:10.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Educação como uma prática de Liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudanças**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GASPARIN, João Luiz. **Didática: Processo de trabalho em sala de aula. Formação de Professores**. Maringá: Eduem, Cadernos EAD n.14, 2005.

GENTILHOMME, Yves. **O processo didático**. In: Acta semiótica et lingüística . v. 5. São Paulo: Global, 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MAGALHÃES, Lucila Rupp de. **Relações Interpessoais no Cotidiano e Aprendizagem**. Revista Psicopedagogia. 2001.

MARTINS, Vera. **Seja Assertivo! \_\_\_ como ser direto, objetivo e fazer o que tem de ser feito: como construir relacionamentos saudáveis usando a assertividade / Vera Martins**. \_\_\_ Rio de Janeiro. Alta Books, 2017.

NASCIMENTO, Sueli Aparecida Alves. A comunicação professor e aluno numa perspectiva Freireana. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA. 2009. 10F. PUCPR. Curitiba/PR. 2009. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3185\\_1363.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3185_1363.pdf). Acesso em: 05.09.2020.



NOVELLI, Pedro Geraldo. A sala de aula como espaço de comunicação: reflexões em torno do tema. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. São Paulo/UNESP, v.1, n.1, p. 43-50. 1997. Disponível em: [www.interface.org.br/edicoes/v-1-n-1-ago-1997](http://www.interface.org.br/edicoes/v-1-n-1-ago-1997). Acesso em: 16.08.2020.

PALOMO, Sandra Maria Ssilva. Comunicação em sala de aula – um problema de linguagem? **Revista Dialogia**, São Paulo, v. 1, p. 109-118. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/dialogia.v2i0.847>. Acesso em: 16.08.2020.

RODRIGUES, Daniele Cristine. **Comunicação em sala de aula: Comunicando para a vida**. 2009. 72f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2009. Disponível em [https://www.academia.edu/38868632/A\\_comunica%C3%A7%C3%A3o\\_na\\_sala\\_de\\_aula\\_comunicando\\_para\\_a\\_vida](https://www.academia.edu/38868632/A_comunica%C3%A7%C3%A3o_na_sala_de_aula_comunicando_para_a_vida). Acesso em 13.09.2020.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

SLAMA-CAZACU, Tatiana. **Psicolinguística aplicada ao ensino de línguas**. São Paulo: Pioneira, 1979.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.